

Resenha

Max Weber e a história. Catherine Colliot-Thélène.
Trad. Eduardo Biavati Pereira, São Paulo, Brasiliense, 1995. 159 p.

Luciana Moreira Pudenzi*

Max Weber e a história é um livro dirigido não apenas ao leitor especializado, mas também àqueles que desejam introduzir-se no pensamento weberiano. O livro analisa as influências do autor no campo metodológico e sua relação com o pensamento de Karl Marx e questões envolvendo seu diagnóstico da modernidade.

O volume traz excertos de obras weberianas (todas já traduzidas para o português em *Metodologia das ciências sociais e Economia e sociedade, Ensaios de sociologia e Ciência e política: duas vocações*), alguns dados biográficos e bibliográficos sobre o autor e um glossário de termos, expressões, nomes de autores e de escolas.

O primeiro capítulo do livro trata do pensamento historicista, uma das fontes da metodologia weberiana, e da crítica de Weber a esta corrente de pensamento. O historicismo trouxe o interesse pela individualidade das manifestações do “espírito”, contra a filosofia hegeliana e a idéia de que haveria uma evolução na história e, portanto, de que cada individualidade histórica deveria ser compreendida somente segundo sua posição dentro do conjunto do devir da humanidade. A inovação do historicismo é a idéia de que cada individualidade histórica encerra em si mesma a riqueza de sua significação. Segundo a autora, a grande

conquista da escola histórica foi confinar a história à análise empírica do dado, sem procurar fixar um sentido geral da história universal.

Weber herda muitas das concepções metodológicas do historicismo alemão (a noção de compreensão, o interesse pela individualidade dos eventos históricos) e principalmente o seu projeto de conhecimento: o projeto de uma ciência empírica que estudasse a realidade e a história em sua individualidade concreta. Weber, entretanto, afasta-se da escola histórica por acreditar que ela falhou no cumprimento efetivo deste projeto: segundo ele, a escola não rompeu, no nível metodológico, com o pensamento especulativo, pois, apesar do ideal empírico de sua empreitada, a estrutura lógica dos conceitos e a própria estrutura argumentativa ainda tinham caráter abstrato (não sendo empiricamente construídos).

Desse modo, para responder ao seu intuito empírico, era preciso resolver esse paradoxo de alguma maneira. O pensamento historicista tendia, então, ao que Weber chamou de emanatismo, ou seja, a uma abstração segundo a qual o conceito seria uma entidade supra-empírica da qual derivaria o fenômeno. Com este arcabouço metodológico o historicismo não poderia cumprir sua tarefa, pois estava preso a um

* Mestranda do Departamento de Filosofia – FFLCH-USP e bolsista Capes.

ideal dedutivista do conhecimento histórico.

Contra qualquer determinação *a priori* na pesquisa científica, Weber contesta a idéia de que o cientista deve estar plenamente seguro das regras segundo as quais procede antes mesmo de iniciar o trabalho. Os preâmbulos metodológicos não são para ele a condição necessária da exatidão do trabalho de pesquisa concreto; pelo contrário, Weber afirma que a importância destas questões surge em momentos de crise das ciências. No caso das ciências históricas, o problema a superar era para ele o ideal nomológico de ciência inspirado nas ciências naturais, que desprezava a principal característica de seu “verdadeiro” objeto: a singularidade, a individualidade. A busca de uma lei para a explicação impediria a explicação da causa individual, concreta.

A autora encerra esse capítulo deslocando o foco da análise da simples metodologia para as reflexões propriamente históricas, dando prioridade a esta dimensão do pensamento weberiano: “as considerações metodológicas não se esclarecem verdadeiramente senão sobre o fundamento de um diagnóstico concernente à condição do homem da época moderna. Um diagnóstico no qual a influência de Marx ou de Nietzsche é muito mais fundamentalmente determinante que aquela das diversas ‘teorias do conhecimento’ de sua época” (p. 38).

Esta afirmação abre caminho para a análise das relações entre Max Weber e Karl Marx, tema do segundo capítulo do livro. Aí, Catherine Colliot-Thélène sustenta um profundo parentesco entre o pensamento destes dois autores, contra “os comentaristas franceses [que] (por razões que têm as particularidades de nossa história ideológica) têm geralmente sublinhado os elementos do pensamento weberiano sus-

cetíveis de apoiar uma crítica do marxismo” (p. 39-40).

Colliot-Thélène não nega que haja em Weber uma crítica ao marxismo, mas afirma que ela diz respeito apenas à sua “auto-interpretção gnoseológica”, ressaltando a comunidade de temas e questões dos dois autores – o capitalismo, a coisificação, a impessoalidade das relações sociais, a separação dos trabalhadores dos seus meios de produção, a autonomização em grande escala dos campos constituídos pelas práticas humanas – e estabelecendo alguns paralelos entre as formulações das duas teorias:

A racionalidade que Weber confere às sociedades ocidentais contemporâneas está ligada estreitamente à coisificação de todos os aspectos da vida social. Reconhece-se aqui o eco da problemática marxista do “fetichismo”, com a diferença de que Marx situou-a no âmbito da economia (na forma mercadoria do produto), fonte do que, a seu ver, era uma perversão das relações sociais, ponto em que Weber não podia segui-lo. Trata-se aí, talvez, de uma divergência menor com relação a uma compreensão da modernidade fundamentalmente idêntica entre os dois autores. Entre a “racionalização” de Weber e a “alienação” de Marx a distância não é grande. Nos dois casos, o que está em jogo é a autonomização em grande escala dos campos constituídos pelas práticas humanas (p. 47-8).

As divergências de Weber em relação ao marxismo acabam sendo reduzidas somente àquelas que ele mesmo expressou: a crítica ao “monismo economicista”, a um “vício gnoseológico” – relacionado à operação com categorias coletivas e à atribuição de valor ontológico aos artefatos conceituais – e a crítica à “perspectiva emancipadora” marxista. O debate acerca

da relação entre Weber e Marx é altamente controverso. A corrente que destaca as divergências constrói seu argumento seja simplesmente destacando a franca contradição no que se refere aos princípios dos dois autores, seja até mesmo afirmando que Weber tenha deliberadamente construído sua obra em oposição a Marx. Colliot-Thélène insere-se numa outra vertente, que tenta aproximar dois dos maiores paradigmas das ciências sociais. Não é difícil encontrar, como neste caso, afirmações de que Weber tenha “complementado e ampliado” a obra de Marx, conferindo-lhe maior alcance, como se para efetuar esta operação não fosse necessário também *retirar* algo do pensamento de Marx – provavelmente não apenas o que se chama aqui de “sua auto-interpretação gnoseológica”, mas justamente aquilo que o caracteriza, desfigurando-o: a lógica dialética, a luta de classes, a concepção específica daquilo que constitui o motor da história, e, no campo econômico, a teoria do valor-trabalho. Estes elementos não são encontrados na teoria de Weber, e são, na verdade, contraditórios com ela. Como é possível *complementar* uma obra despidendo-a de sua própria identidade?

Uma comunidade de temas e um certo parentesco de algumas análises seriam suficientes para aproximar as duas teorias? É justamente esta mesma comunidade o que possibilita a tese oposta, deixando ver o contraste entre as visões dos dois autores sobre os mesmos fenômenos.

Em todo caso, este não é um ponto pacífico. Se o interesse em questão for buscar uma construção teórica que se beneficie de elementos dos dois autores (proposta não pouco almejada no âmbito das ciências humanas), baseá-la numa identificação das duas teorias, entretanto, é correr o risco de enfraquecê-la, pois, dissolvendo os

seus elementos divergentes, deixa-se de reconhecer uma enorme gama de problemas suscitados por eles. O perigo dessa aproximação seria, portanto, efetuar uma identificação precipitada, acrítica e abalada em seus fundamentos justamente por não reconhecer essas diferenças.

Os dois últimos capítulos do livro, “Racionalização e desencantamento do mundo” e “A lógica da compreensão”, saem do campo das relações do pensamento de Weber com o de outros autores ou escolas e entram propriamente em sua teoria, levantando questões instigantes a partir de idéias-chaves da teoria weberiana, como, por exemplo, a questão de Weber ter atribuído ou não uma significação universal “aos fatos da civilização característicos do Ocidente” – e de como isto poderia ser justificado –, e o fato de que, apesar de ter sempre no horizonte uma perspectiva da “história universal”, Weber tenha dado tamanho destaque à cultura ocidental. Isso pode ser justificado dentro da própria metodologia weberiana, que garante a legitimidade de que a ciência de uma determinada cultura busque justamente as respostas às suas próprias questões, colocando a ciência, nesse aspecto, como inserida numa cultura, como um estudo que tem sempre um ponto de vista determinado. A autora discute ainda a noção de desencantamento do mundo, o seu alcance na visão da modernidade de Weber, além do “politeísmo dos valores” e da *ausência de sentido* como as conseqüências deste processo de desencantamento.

O capítulo “A lógica da compreensão” ressalta a originalidade do pensamento de Weber em contraposição ao pensamento de sua época, e defende a noção de compreensão weberiana como explicação, contra uma confusão com a sociologia compreensiva alemã, destacando o caráter objetivo

da compreensão na apreensão do sentido, em oposição a um subjetivismo ou a uma sociologia do “vivido”. No caso de Weber, o fato de que a ação humana seja dotada de sentido não apenas lhe garante inteligibilidade como uma inteligibilidade ainda maior que a dos processos naturais. O verdadeiro objetivo da ciência histórica não é compreender o sentido, mas a ação da qual ele constitui o substrato de inteligibilidade. O caráter de construção do conceito não reflete o sentido subjetivo, e sim recompõe uma racionalidade ideal das práticas.

Colliot-Thélène chama atenção para o problema de que “os tipos de comportamento que se apresentam com maior frequência (os comportamentos afetivos ou tradicionais) são um limite da ação significativa e, portanto, compreensível; o tipo de comportamento que oferece o grau superior de inteligibilidade compreensiva é uma hipótese acadêmica; e o caso intermediário é uma exceção” (p. 108). A solução dada para o problema é a análise dos demais tipos de ação pela comparação com a construção ideal da *racionalidade com relação a fins*. Segue-se então um questionamento acerca do estatuto da *ação racional com relação a fins*, que “se evidencia, assim, fundamentalmente ambíguo: ela é, ao mesmo tempo, a realização da ação provida de sentido (ou seja, da ação propriamente dita) e o modelo teórico necessário à compreensão científica” (p. 111).

Referindo-se ao livro *Max Weber e Karl Marx*, de Karl Löwith, Colliot-Thélène defende Weber da acusação de relativismo, afirmando que não há brecha para isso, pois a distinção na metodologia weberiana entre a *formulação dos problemas*, cultural e historicamente determinada segundo um certo *interesse*, e a *argumentação demonstrativa*, que constitui o substrato de validade da ciência em geral – o respeito às re-

gras da lógica, a objetividade etc. –, garante o rigor do método. As regras científicas para Weber são sempre as mesmas e têm validade incondicional e universal – o que não é universal é a *crença* no valor da verdade científica.

Colliot Thélène examina ainda a concepção weberiana da *racionalidade ocidental* e seus desdobramentos na teoria da história – tendo em vista vários aspectos, como o desencantamento do mundo, o sentido, a separação dos campos das práticas humanas (autonomização das esferas), uma noção de teleologia, a modernidade, a intelectualização, o politeísmo dos valores –, e conclui lembrando o paradoxo das conseqüências com seu sentido transferido para a história como um todo: o desvio que ocorre entre a intenção e o efeito na ação isolada manifesta-se na história como um *destino*.

Alude-se aqui a uma idéia weberiana que carrega a sua quota de pessimismo: a falta de controle do homem sobre sua própria história. No nível individual, o paradoxo das conseqüências é o desvio ocorrido entre a intenção do agente e o efeito de sua ação dentro do contexto histórico. Esse paradoxo se dá por causa do caráter refrativo da pluralidade conflitante de interesses que se apresenta na realidade, e porque os homens, ainda quando elegem livremente o fim de sua ação, devem embater-se com uma realidade já dada, que não recebe suas intervenções de maneira direta, mas as transforma. Weber não acreditava na possibilidade de se chegar a um acordo entre os homens quanto a um caminho comum a seguir: ele se via diante de um mundo constituído por indivíduos que não agem na mesma direção, mas, pelo contrário, cujos interesses são limitados e organizados somente pela dominação. Isso não significa que os homens não façam sua

própria história – não é esta a noção de destino que se pode encontrar em Weber – , mas que as configurações históricas que se apresentam não são o resultado de uma direção intencional única, compartilhada pelos homens em conjunto, e sim de um jogo de forças e interesses divergentes e até mesmo inconciliáveis. No que concerne à

história, portanto, esse *destino* manifesta-se como o hiato entre a base do processo histórico – as ações individuais orientadas com sentido, e cognoscíveis somente nessa mesma medida – e o seu resultado final: uma realidade histórica, justamente por não ser resultado direto de uma intenção única, desprovida de sentido como um todo.

CONTENTS

ARTICLES

- 5** LEIBNIZ:
THE AFFIRMATION OF FREEDOM AS CONTINGENT DETERMINATION
Tessa Lacerda
- 19** DISCURSIVE UNDERSTANDING AND INTUITIVE UNDERSTANDING
IN §77 OF KANT'S *CRITIQUE OF JUDGEMENT*
Pedro Paulo Pimenta
- 35** WHO OWNS THE PHILOSOPHY?
Paulo Licht dos Santos

TRANSLATIONS

- 57** DECLARATION OF FICHTE'S DOCTRINE OF SCIENCE
Immanuel Kant
- 61** ON THE FIRST GROUND OF THE DIFFERENCE OF DIRECTIONS IN SPACE
Immanuel Kant

INTERVIEW

- 77** PHILOSOPHY AND FORM OF ACTION
Interview with Henrique Cláudio de Lima Vaz

REVIEW

- 103** *MAX WEBER E A HISTÓRIA*, BY CATHERINE COLLIOT-THÉLÈNE
Luciana Moreira Pudenzi